

Reada
2/2/58

OPERADOR CARACTERISTICA MUSICAL PARA INICIO DO 1º ATO

NARRADOR Seu nome era Carlota. Desde menina fora sempre assim. Enquanto as outras tinham nomes elegantes e aristocratas como Maria Cristina, Carmen Suzana, Beatriz Consuelo ou Regina Helena, ela era simplesmente Carlota. Vá lá que lhe tivessem dado apenas um nome. Um só. Mas que ele fosse, ao menos, um nome bonito. Claudia, por exemplo, ou Eleonora, Lúcia... Marta... mas Carlota, nunca! Tinha horror ao seu nome e achava que toda a sua tristeza, toda a sua mágoa interior, era d'ele, que provinha. Mas deixem que não era só o seu nome que era diferente. Ela também era uma menina diferente e a certeza disto lhe veio quando percebeu uma conversa entre a sua madrastra e uma vizinha amiga da casa.

OPERADOR CORRIDO DE HARPA

VIZINHA Por que a senhora não corta as tranças da Carlota, dona Selma ?
SELMA Bem que eu tinha vontade de fazer isto, mas veja lá se o pai seria capaz de consentir ?
VIZINHA Por que ? Ele gosta ?
SELMA Sei lá se gosta ou se fez promessa, o caso é que não se cansa de me repetir:
PAI Não me corte as tranças da Carlota. Faça tudo, menos isso.
SELMA São tão poucas as coisas que ele me pede que eu não posso deixar de atende-lo.
VIZINHA Inda se fossem umas tranças grossas... fartas... ou se o cabelo dela fosse de uma cor bonita... Umas tranças muito relas e além de tudo vermelhas como barba de milho...
SELMA Eu já disse tudo isso a ele, mas ele stalhou na mesma hora!
PAI Não faz mal. Deixe as tranças da menina como estão.
VIZINHA Ela, pobrezinha, já é uma menina que não se pode dizer que seja bonita e ainda com aquelles dois rebichos vermelhos dependurados... fica muito diferente das outras. Chame a atenção.
SELMA Pois é, mas o pai é ele e não quer, o que é que se vai fazer, não é mesmo? Amarra-se o burro à vontade do dono.

OPERADOR CORRIDO DE HARPA

NARRADOR E a partir daquele instante, ela, que nunca cogitara de ser ou não diferente das outras, começou a se olhar muitas vezes ao espelho com profunda expressão de tristeza nos seus olhos cinzentos, embutidos na pele alva, crivada de espinhas e de sardas. E foi, desde então, que começou a notar que as suas tranças eram ainda piores que o seu nome e que nela e para ela tudo era diferente das outras. Enquanto as colegas usavam roupas graciosas, com blusões coloridos e saias de pregas, ele vestia, diariamente, para ir ao collegio, um aventalão comprido de zuarite, tendo ao peito, bordado com linha vermelha e em ponto de corrente, aquele nome horrível que ela tanto detestava : " CARLOTA " ;

TA"; e enquanto as outras calçavam sapatos de pelica ou de verniz, com fivela ou pulseira na perna, ela usava aqueles tremendos borseguins de rapas, com sola grossa, saltos de borracha, ilhoses e cordões. E enquanto os pais das outras meninas esperavam-nas nos seus automoveis à saída do collegio, ela vinha a pé, triste e sosinha, sem ninguem que a esperasse ou que a trouxesse. (Pausa e Tom) Mas com o tempo, afinal, ela acabara se acostumando a tudo e com tudo se conformara, menos com aquelas tranças que ouvira a vizinha chamar de...

Vizinha - Tranças vermelhas como barba de milho.

Narrador - Um dia, uma das suas colegas riu-se abertamente das tranças de Carlota...

ESTÚDIO - VOZ DE MOÇA, EM FUNDO, GOSTOSA GARGALHADA DE CRITICA.

... e ela, desesperada, logo ao chegar em casa procurou sua madrasta e lhe pediu para cortar o cabelo. A resposta não se fez esperar:

Selma - Não senhora. Não tem nada que cortar as suas tranças. Não são bonitas mas seu pai não quer que você as corte e está acabado. Não se discute mais.

Narrador - É como ela arriscasse a sugestão de procurar convencer o pai, a madrasta retrucou:

Selma - Não senhora. Você não tem nada que insistir com seu pai para fazer uma coisa que ele não deseja que você faça. É fim no assunto, está bem? Fim.

Narrador - Carlota não disse mais nada. Saiu dali de cabeça baixa, como que curvada ao peso de uma cruz imensa que eram as suas tranças ralas, vermelhas como barba de milho. (Pausa e Tom) E assim, à sombra daquele profundo desgosto, a menina foi crescendo e se tornou mocinha, mas também como mocinha ela continuava diferente das outras. Viviu sempre só, sem amigas e sem um namorado que lhe dissesse, baixinho, as palavras de carinho e de ternura que todos os corações jovens tanto desejam escutar. Eram as tranças, aquelas malditas tranças que a enfeitavam tanto, que afastavam, com certeza, os rapazes que pudessem vir a se interessar por ela. (P.F.) Um dia a vizinha lhe disse:

Vizinha - Você já não está mais em idade de usar essas tranças, Carlota. Já que seu pai insiste em não lhe deixar cortá-las, você deveria, pelo menos, prendê-las.

Narrador - E naquela mesma noite ela apareceu, ao jantar, de cabelos presos. O pai olhou-a por alguns momentos e não disse nada, mas Carlota bem que reparou que ele comeu pouco e que se levantou da mesa antes do cafézinho. Momentos depois, quando ela se ocupava em retirar a mesa, a madrasta apareceu na porta da sala de jantar e lhe disse:

Selma - Deixe a mesa que eu tiro. Vá lá no quarto de seu pai que ele quer falar com você.

Narrador - Carlota estremeceu. Seu pai era um homem casmurro, arreado e de muito poucas palavras. Imaginou logo a aspereza das censuras que escutaria

e, enquanto andava pelo corredor para ir ao encontro dele, buscava, desesperada, as desculpas que lhe poderia dar. Momentos depois, ela se encontrava frente a frente com ele.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Pai - Sente-se. (Pausa grande) Por que teimou em fazer uma coisa que me desgraça? (Pausa grande) Eu estou falando com você, Carlota. Não vai me responder?

Carlota - (esforçando-se por arrancar as palavras, voz trêmula de pranto) Papai, eu... eu já estou uma noça e... e as minhas tranças... são tão feias... tão ralas...

Pai - Minha filha, eu não vou lhe dizer que não lhe tenha ficado bem esse novo penteado, mas quero que amanhã você volte a fazer as suas tranças.

Carlota - Se... se o senhor mesmo acha que... que o penteado ficou bem... por que... por que não me deixa continuar a usá-lo?

Pai - Porque as suas tranças, Carlota, tem uma profunda significação para a minha cidade. (Baixando o tom) Tenho sempre a impressão, cada vez que as vejo, de que sua mãe acabou de trançá-las. (Pausa longa) Entende, agora, o que elas significam para mim?

Carlota - (depois de pausa) Entendo, papai.

Pai - Talvez neste momento uma pergunta esteja bailando nos seus lábios: "Mas se o senhor ainda não se esqueceu de mãe, por que motivo se casou com outra?"

Carlota - (atalha) Não, não, papai, eu... eu não estava nem pensando nisso...

Pai - Bem, talvez não estivesse pensando agora, mas tenho certeza de que mais tarde, quando você estivesse sozinha no seu quarto, essa pergunta não deixaria de ser formulada e assim, antes que isso aconteça, eu vou tratar de lhe responder. (TOM) Um momento.

CONTRA REGRA - TRES OU QUATRO PASSOS SE APASTAM . FECHAR PORTA AFAST. VOLTA.

Pai - Agora podemos conversar sem o perigo de que sua madrasta possa nos ouvir. Ela tem sido muito boa esposa e eu não desejo magoá-la. (Pausa e tom) Quando sua mãe nos deixou, você ficou apenas com cinco anos e meio e, além disso, muito magra e fraquinha. Eu, que amava sua mãe com amor juvenil, fiquei completamente desorientado e sem saber o que fazer em meio ao torve-linhe que me cercava, com uma filha pequenina nos braços, sem amigos... e sem parentes. Selma, que era uma das poucas vizinhas a quem cumprimentávamos, correu logo à nossa casa, oferecendo-me os seus préstimos para cuidar de você até que eu tivesse tido tempo de resolver o que deveria fazer. Eu, obrigado a trabalhar para prover o sustento de cada dia, não tive outra alternativa senão aceitar o piedoso oferecimento e, no mesmo dia, você foi levada para a casa da vizinha. Sempre que regressava do trabalho, antes mesmo de cuidar do meu jantar, eu ia à casa dela para ver você e ficar uma hora ou mais na sua companhia. Nessas circunstâncias, era natural que eu conversasse com Selma e que ela viesse acompanhar-me até à porta quando eu me retirava. Mesmo assim, não tardou muito em que os outros vizinhos começassem a tecer comentários que mais se avolumaram quando, certa noite,

você adoceceu gravemente e eles me viram sair de lá pela madrugada. Com-
preendendo que a dedicação e boa vontade de Selma a haviam prejudicado,
senti-me no dever de reparar aquela injustiça que lhe faziam e casei-
me com ela. Nunca me arrependi, mas a verdade é que nunca a amei e nem
nunca pude esquecer o único e grande amor de minha vida que foi sua mãe.
Todas as manhãs, quando me acordava, já ela estava sentada aos pés da
nossa cama, trançando os seus cabelinhos vermelhos e eu ficava a olhar
a agilidade dos seus dedos brancos, em movimentos rápidos e estranhos.
E à força de olhá-los, durante dois ou três anos, sempre a repetir aque-
les mesmos movimentos... (tom tristinho) todas as vezes que olho para
as suas tranças, vejo aquelas mãos brancas, de dedos finos, que tantas
vezes me acariciaram o rosto afogueado pelo cansaço do trabalho. (Pausa
longa, tom emocionado). Compreende, agora, por que insisto em que você
se deixe tais como são?

Carlota - (voz trêmula de pranto) Sim papai... compreendo...

Pai - Si você mantivesse suas as suas tranças, como elas estão agora, eu te-
ria, sempre, a impressão que estou tendo neste momento, de que as mãos
de sua mãe estão amarradas e os seus dedos não conseguem movimentar-se.
Si você as cortasse, então... haveria de ficar comigo, eternamente, a
ideia de que você havia cometido o sacrilégio de cortar as mãos da san-
ta que foi sua mãe, aquelas mãos tão lindas como dois brancos lírios de
cinco pétalas, exalando carícias.

Carlota - (desata a chorar mansamente, mas de forma bem audível)

Pai - Não chore, minha filha. Não chore que você se entristece.

Carlota - (Chorando) Não posso deixar de chorar, papai! Não posso!

Pai - É compreendo a razão do seu pranto. Você está uma moça e gostaria de
se enfeitar... de arrumar melhor o seu cabelo... de se arrumar mais de
acôrdio com a sua idade e com a moda atual, mas... eu... eu não consigo,
entende? não consigo separar das suas tranças... as mãos de sua mãe.
Vamos... vamos esperar mais um pouco, talvez... Pode ser que me acostu-
mando com a ideia... eu possa algum dia separá-las e então...

Carlota - (corta) Não, papai, não. Eu não quero mais cortar as minhas tranças e
prometo ao senhor que hei de mantê-las como o senhor as deseja, pelo
resto de minha vida..

Pai - Não, minha filha, também isso eu não quero que você me prometa e nem
me cabe o direito de exigir tanto. Você terá de casar-se algum dia e
então... daí para diante a vontade de seu marido é que deverá sempre
prevalecer. Si ele desejar que você corte os seus cabelos... você terá
que obedecê-lo.

Carlota - (ingênua) E o senhor acha mesmo que eu... que eu me casarei?

Pai - Mas naturalmente que sim. Ou você não deseja?

Carlota - Bem, papai, quer dizer... desejar eu desejo, sim. Mentiria se dissesse
ao contrário, mas...

Pai - (depois de pausa) Mas o que? Fale.

Carlota - É que...

Pai - (depois de pausa) Pode falar francamente. Não tenha receio.

Carlota - É que nunca tive um namorado, papai. (traindo o desgosto na voz de choro) Nenhum rapaz se aproximou de mim, até hoje, querendo me namorar.

Pai - Quem sabe, minha filha? Talvez você é que não tivesse percebido a intenção.

Carlota - Não, papai, eu sei bem o que digo porque... porque sempre cuidei os rapazes com muita atenção, nas poucas vezes que tive oportunidade de conviver com eles. Eram muito diferentes as suas maneiras com relação a mim e às outras. Quando me falavam, o que raramente acontecia, era como se estivessem falando a um rapaz igual a eles.

Pai - Não pode ser tanto. Isso deve ser uma desconfiança sua, minha filha.

Carlota - Não, papai, desconfiança nada. É certeza, infelizmente. É certeza baseada em fatos concretos.

Pai - Fatos concretos, diz você?! Que fatos são esses?

Carlota - Vou citar apenas um, que me parece o mais significativo de todos.

Pai - Cite, quero ver.

Carlota - No dia da minha formatura no ginásio, duas das nossas colegas se encarregaram de organizar o baile e arranjar os pares de todas nós. Passados alguns dias, uma delas veio me comunicar que o professor Menezes entraria comigo e dançaria comigo a primeira valsa. Fiquei intrigada, naturalmente, e perguntei a ela si os professores também iam tomar parte nas danças ao que ela me respondeu negativamente, mas que o professor Menezes tinha feito questão de participar da festa e que me escolhera para seu par. (TOM) O senhor sabe que o professor Menezes é um homem velho e casado.

Pai - Sei.

Carlota - Eu não podia, por isso, atinar com a razão do que estava acontecendo. (Pausa e tom amargo) No baile, ouvi quando uma das minhas colegas comentava o ~~esse~~ fato. Não conseguira arranjar nenhum rapaz que se prestasse a ser meu par. Todos me achavam feia e exquicita. E eu que dançara de má vontade com o professor Menezes, sentindo mesmo uma certa raiva de le por me haver escolhido, só então compreendi e lho agradei, intimamente, a piedosa intenção. (Pausa longa e tom) Todas as coisas na vida tem uma explicação, papai. É assim como naquela noite compreendi a razão da estranha atitude do professor Menezes, também hoje encontro expliação para esse seu desejo, não menos estranho, de que eu não corte o ao menos prenda as minhas tranças!

NARRADOR - (Depois de pausa) E acompanhando as suas últimas palavras, Carlota levou as mãos aos cabelos e começou lentamente a desprendê-los. (Pausa) Eles foram caindo, vermelhos, sobre as suas mãos brancas e finas e os seus dedos ágeis coregeram a trança-los no mesmo instante. (Pausa) O pai ficou a contemplá-la em completo silêncio, ao mesmo tempo que duas grossas lágrimas, em silêncio também, escorriam vagarosamente pela face da pobre moça!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PORTE PARA FINAL DO 1º ATO.
 LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

Narrador - A partir daquele dia em que o pai lhe confessara a razão porque se opunha a que ela cortasse os seus cabelos ou prendesse as suas tranças, Carlota nunca mais pensou em faltar-lhe à promessa feita, mas passou, desde então, a pensar no casamento como única solução capaz de libertá-la daqueles feios espichos, ralos e vermelhos como barba de milho. Começou a assistir, com assiduidade, todos os casamentos que se realizavam na igreja próximos à sua casa e, quando a noiva era sua conhecida, pedia logo que se lembrasse, quando à frente do altar, de chamar três vezes por ela, além do botõesinho que lhe arrancava do bouquet ou da grinalda, pedindo-lhe que o mordesse para lhe pegar a febre do casamento. (Pausa e tom) Uma tarde em que aguardava à porta da igreja a saída de um cortejo nupcial, quando todos se esgotavam para ver a passagem dos noivos, Carlota se encontrou, de súbito, frente a frente com um rapaz moreno, de olhos verdes, espadado e forte. Um encontrão maior, vindo de trás, fez com que ela se encostasse ainda mais ao seu peito amplo e sentisse, sobre a sua testa, o hálito morno da sua respiração. Ergueu a cabeça para pedir-lhe desculpas daquela intimidade forçada pelas circunstâncias e ele sorriu para ela, um sorriso sadio, de dentes fortes, alvos e parelhos. Carlota sentiu um arrepio na espinha e não teve forças para pronunciar uma só palavra. Deixou-se ficar como estava, até que o recinto se desafogasse com a passagem da noiva, quando todos se precipitaram para a calçada, levando-a de roldão. E a partir daquele instante, o moreno de olhos verdes e sorriso claro, tomou de assalto o seu coração, passando a imperar, absoluto, em todos os seus sonhos e devaneios. (TON) Sua madrastra foi quem primeiro notou, na sua fisionomia, os reflexos daquele sentimento.

- Selma - Que tem você, Carlota? Parece tão diferente de uns tempos para cá...
- Carlota - Diferente, eu? Óra essa! Diferente por que?
- Selma - Não sei. Você parece que adquiriu, de repente, uma nova luz nos seus olhos.
- Carlota - Óra essa! Que graça!...
- Narrador - (Pausa breve) E logo depois foi seu pai.
- Pai - Você parece mais animada, ultimamente. Já não tem aquele ar de profunda apatia que tanto me preocupava. Parece mais viva... mais ativa.
- Carlota - É realmente estranho isso que está acontecendo. Já a minha madrastra me disse a mesma coisa, mas eu não sei a que atribuir essa modificação que dizem notar em mim.
- Pai - Você tem a certeza absoluta de que não há, em você mesma, nenhuma razão para isso?
- Carlota - Claro que tenho, papai, óra essa! Que razão poderia haver?
- Narrador - (depois de pausa) E mais alguns dias, após, a vizinha falou:
- Vizinha - É uma coisa que salta aos olhos. Você está outra, Carlota. Nem parece a mesma. Seus olhos perderam aquela expressão mortífera, aquele ar de convalescente. São olhos que vivem... e que sonham. E quer saber

mais? Seus lábios que antes só se abriam para responder por monossílabos as perguntas que lhe fizessem, hoje vivem constantemente entreabertos num sorriso de enlevo e de felicidade. Que quer dizer isso?

Carlota - Não sei...

Visinha - Pois eu sei... e vou lhe dizer: você está amando, Carlota.

NARRADOR - Carlota não respondeu nada e sentiu, no mesmo instante, o calorão do sangue que lhe afluiu ao rosto. Sim, era aquilo mesmo, com certeza. De via ser aquilo. Era o amor, sem dúvida, que emprestava aquela luz diferente aos seus olhos tristonhos. E diante daquela revelação que a visinha lhe fizera, Carlota ficou a pensar consigo mesma:

Carlota - Sim, deve ser isto o amor: a gente ficar a pensar, horas e horas, no olhar ou no sorriso de uma pessoa que nos tomou de assalto o pensamento, sem se poder libertar da sua lembrança. (Pausa. Reflexiva) Então... é assim que o amor se manifesta no coração da gente? Será desta maneira que ele desperta no coração de todas as mulheres?

NARRADOR - Não, não era. Ela sabia que não, porque já ouvira algumas das suas colegas contarem de que maneira haviam amado a fulano ou beltrano. Elas, imediatamente, haviam se apercebido da presença do amor. Carlota não, porque... porque tudo nela era diferente. E no entanto... ela sempre desejara tanto ser uma mulher igual às outras! Mas que fazer, finalmente, se o seu destino era aquele? Se somente ele era o culpado de tudo?

Carlota - Meu destino? Não. A culpa não é do meu destino. A culpa é destas tranças vermelhas, que fizeram com que o meu destino fôsse diferente do das outras noças.

NARRADOR - E a partir daquele instante em que a visinha Leopoldina a fizera despertar para a realidade surpreendente do amor, Carlota passou a pensar no moreno de olhos verdes de uma forma diferente. Imaginava-se abraçada por ele... afagada... beijada... e a par desses pensamentos de sonho e de romance, assaltava-lhe, infalível, a ideia das suas tranças finalmente presas!... (Pausa e tom) Não durou muito, no entanto, a fantasia daquela sonho e aquela luz diferente que todos haviam notado nos seus olhos, começou, lentamente, a se extinguir. (TOM) Nessa altura, a visinha Leopoldina, sempre indiscreta e bisbilhoteira, voltou a falar-lhe no assunto:

Visinha - Que há com você, Carlota?

Carlota - Nada, visinha.

Visinha - Ora nada, o quê! Você precisa perder essa mania de ser tão egoísta e esconder tanto dos outros o que se passa no seu íntimo. Ninguém se basta a si mesmo, aprenda isto. Todos nós precisamos ter uma pessoa amiga a quem desabafar os nossos temores. Eu sou sua amiga, pode crer.

Carlota - Eu sei, dona Leopoldina.

Visinha - Também... pudera! Pode-se dizer que lhe vi nascer. (TOM) Você não quer me contar nada mas pouco adiante, porque os seus olhos revelam tudo que o seu coração sente. Quer ver? Você há dois meses, mais ou menos, conheceu alguém que lhe fez despertar para o amor, não é verdade? (Pau-

sa) Pode falar com confiança, Carlota. Eu só desejo ajudar você e lhe prometo que não revelarei a ninguém uma só palavra do que você me disser. (Pausa) É verdade o que lhe perguntei ou não é?

Carlota - (breve pausa, acanhada) É verdade, sim senhora.

Visinha - Não precisa ter acanhamento, menina. Isso é uma coisa tão natural, que bobagem! Acontece com todas, não é só com você. (TOM) Bem, mas eu vou continuar a dizer o que está se passando no seu coração, para que você veja como eu tenho razão quando lhe digo que os seus olhos lhe traem. (TOM) De uns dias para cá o seu eleito deve ter feito ou dito qualquer coisa que lhe decepcionou, não é?

Carlota - Não, dona Leopoldina, ele não me disse nada porque nós nunca trocamos uma só palavra.

Visinha - (passa) Nunca?!... (TOM) Mas então que bobagem de amor é esse?!

Carlota - (tímida) Ele apenas me olhou e sorriu, à saída de um casamento que estávamos ambos espiando. Enchi-me logo de alegria e de esperança, mas depois passei muitas vezes por ele na rua sem que ele nem sequer se apercebesse da minha presença.

Visinha - Mas quando a gente gosta de um rapaz e deseja conquistá-lo, a gente faz com que ele se dê conta da presença da gente de qualquer maneira. Você, naturalmente, se limitou a passar por ele e olhá-lo discretamente; não foi?

Carlota - Claro. Que mais a senhora queria que eu fizesse?

Visinha - Qualquer coisa que chamasse a atenção dele sobre você. Você quer que eu lhe conte como foi que conquistei o Ernestides? Eu gostava dele e ele não me dava bola. Um dia... avistei-o de longe, na rua. Apresssei o passo, ganhei-lhe a dianteira, deixei cair o meu lenço na calçada e segui andando, fingindo que não me tinha apercebido.

Carlota - Ele apanhou o lenço do chão e foi entregá-lo à senhora?

Visinha - Qual nada! Perdi o meu lenço e ele continuou a não me dar bola, mas eu não desanimei. Dias depois fiz a mesma coisa com um botão de rosa que levava entre os dedos. Andei duas quadras, voltei... e o botão estava no meio da calçada, todo pisoteado. Eu não tive dúvida e voltei à carga. Deixei cair uma caderneta de notas e fiquei sem ela. Deixei cair uns óculos e vim encontrá-los, depois, quebrados. Deixei ainda cair uma bolsa e ficou tudo no mesmo. Furiosa, jurei a mim mesma: "da próxima vez tú me pagas". Sabe o que fiz? Atirei-me no chão de todo o comprimento na frente dele. Fingi que torci o pé, sabe? Ele aí não teve outro remédio senão ajudar-me a levantar e como eu não pudesse de maneira alguma caminhar sozinha - bem que podia, é claro, eu estava fazendo fita - ele não teve outra alternativa senão levar-me até à ninha casa. Aí, minha filha, quando ele quis dar o fora... estava cercado por todos os lados. Era eu... meu pai... minha mãe... minha avó... minha madrinha... Resultado: ele resolveu casar contra mim.

Carlota - (riso discreto) Contra a senhora?

Visinha - Contra mim, sim, porque mais infelizes do que temos sido... ninguém poderá ser. Mas não tem importância isto, o meu consolo é que casei.

(Pausa e tom) Por isso, Carlota, cuça bem o meu conselho: dê um jeito qualquer dele ficar sabendo que você gosta dele. Isso às vezes dá resultado, às vezes pega.

Narrador - Carlota tentou seguir o conselho de dona Leopoldina, mas era tímida de mais para isso. Nem sequer tinha a coragem de olhar com maior insistência para ele, si por acaso o encontrava na rua. Um dia, no entanto, o acaso tratou de desiludi-la. Ela estava sentada num banco de jardim proximo à sua casa, quando ele surgiu e se sentou no banco contiguo. O seu coração começou a galoper, desenfreado. Seria aquele o seu dia? Encheu-se de coragem e começou a fixá-lo com maior insistência. Ele percebeu e olhou para ela, num mixto de surpresa e curiosidade. Carlota exultou. A vizinha Leopoldina tinha razão. Era preciso fazer com que ele compreendesse o quanto ela o amava. Continuou paertando o cerco, mas não tardou em que uma moça bonita, graciosa e bem vestida, com os cabelos cortados - Ah, as suas tranças vermelhas! - morena tambem, como ele, se aproximasse sorrindo e sentasse no banco ao lado do rapaz. Ele passou logo o braço em torno do peccoço dela e ali ficaram, bem juntos um do outro, arrulando como dois pombinhos. Mas o pior não foi isso. O pior foi que ela percebeu, nitidamente, que o rapaz a apontara à recém chegada e riam-se os dois da cara dela. Das suas tranças, com certeza. Sim, nem poderia ser de outra coisa que eles riam. Desesperada de humilhação e de vergonha, levantou-se imediatamente e voltou errazada para a sua casa. Desde então, a tristeza tomou novamente conta dos seus olhos e a luz que a esperança lhes emprestara, o desencanto não tardou em apagar. (Pausa e tom) Não tinham ainda transcorrido três meses daquele dia, quando seu pai, uma noite, a procurou para conversar.

Pai - Sente-se, minha filha. Temos um assunto muito sério a tratar. (Pausa) Você... você tem algum rapaz que lhe procure e de quem... de quem você goste para casar, digamos?

Carlota - (depois de pausa) Não papai... não tenho...

Pai - E você... você já pensou, algum dia, em se casar... ter o seu lar... os seus filhos?...

Carlota - (depois de pausa) Não papai, não pensei...

Pai - Mas devia pensar, minha filha. O destino da mulher é esse: ser dona de sua casa e ser mãe.

Carlota - Eu sei, papai.

Pai - Liga-me uma coisa: você não gostaria de saber da existencia de um homem que gostasse de você e desejasse torná-la sua esposa?

Carlota - Óra, papai! Quem iria gostar de mim para casar-se?

Pai - Responda ao que lhe perguntei: você não gostaria de saber que um homem desejava casar-se com você?

Carlota - Bem... depende do homem, é claro.

Pai - Mas quando eu lhe fiz a pergunta, referia-me, naturalmente, a um homem decente, honesto e trabalhador. Um homem que, bem, não será um rapazinho de vinte dois anos, enfeitado e bonitinho, mas um homem simpático, relativamente moço e com uma situação financeira já muito bem

definida. Um homem que qualquer moça de juízo trataria de aceitar, logo de olhos fechados. (Pausa) Você não gostaria de saber que um homem assim estava interessado por você?

Carlota - (Depois de pausa) Não sei, papai... penso... penso que gostaria, sim.

Pai - Pois então ouça, Carlota: esse homem a quem me referi... veio hoje je pedi-la em casamento.

OPERADOR - ACORDE FIRME, EM FUNDO, SEM CORTAR.

Pai - (depois de pausa) Você... aceita?

Narrador - Carlota teve como que uma vertigem momentânea. Passaram, rapidamente, pelos seus olhos, os dentes magníficos do moreninho de olhos verdes. Com a celeridade de um raio, ela pensou que a ninguém poderia amar sinão a ele e novamente os seus dentes brancos voltaram à sua retina, mas desta vez para rirem dela com escárnio, quando sentada ao banco do jardim, curvada ao peso da sua humilhação e da sua vergonha. Quando a vertigem passou, ela mordida fortemente os lábios, em sinal de despeito e de revolta. Levantou a cabeça num gesto brusco de desdenhosa altivez e com o acento estranho e frio, acento de quem lava uma sentença de vingança, respondeu ao seu pai com serenidade e firmeza:

Carlota - Sim, papai, eu... eu aceito esse homem!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA INÍCIO DO 3º ATO.

NARRADOR - Carlota ficou noiva. Ou melhor, ia ficar noiva naquela noite, quando o homem de quem seu pai lhe falara viria saber a resposta do seu pedido. Ela se preparou da melhor maneira possível para esperá-lo. Botou seu melhor vestido, sapatos de salto alto e dois prendedores de tartaruga nas suas tranças vermelhas como barbas de milho. Logo depois do jantar, a sala de visitas da casa modesta ficou com as duas lâmpadas acêdas à espera do noivo. Ele chegou. Depois de confabular uns quinze minutos com o seu futuro sogro, dona Selma foi chamada e veio também para a sala. Feitas as apresentações e expostas as razões da visita, dona Selma pediu licença para sair por uns momentos, voltando logo em seguida, e com penhada da entenda. E foi então que se deu a apresentação dos noivos:

Pai - Minha filha, este é o senhor Frans Reutter, que acaba de me pedir a sua mão em casamento. Você o aceita; não é verdade?

NARRADOR - Carlota levantou tímidamente os olhos para o noivo e os baixou em seguida, permanecendo um momento calada. Ele era baixo, gorducho, vermelho e sardento e, também como ela, tinha os cabelos vermelhos. Automaticamente a imagem do moreninho de olhos verdes veio se postar ao lado da aquele homem barrigudinho, de colarinho duro, de bigode vermelho e punhos engomados. Rápida, como veio, a imagem se esfumou e o pensamento de Carlota foi pousar nas suas tranças. Era aquela a sua primeira e talvez a última chance de se livrar daqueles espichos vermelhos, que consistiam o maior desgosto de toda a sua vida. Houve um instante de indecisão. Um rápido instante que poderia muito bem ser confundido com a emo

ção natural que as moças sentem, no momento de decidirem os seus destinos. Carlota se imaginou à frente de um espelho, vestida de noiva, a grinalda sobre os cabelos presos. Levantou novamente os olhos para Franz Reutter e respondeu com esforço:

Carlota - Sim... papai... eu... eu aceito...

Franz - (eufórico) Oh, Zenhorride Carlode! que aleorrie tom errante barra a meu gorrason!...

NARRADOR - O pai de Carlota apertou a mão do futuro genro, beijou a filha na testa e dona Selma foi à cozinha de onde voltou com duas garrafas de cerveja e quatro copos numa bandeja de metal, forrada com um guardanapo bordado a ponto de cruz. ¶ Trocados os brindes, pai e madrastra se retiraram da sala, deixando os noivos sózinhos. Franz Reutter meteu a mão no bolso de onde retirou um estojo que abriu aos olhos de Carlota. Ele continha uma fita de veludo negro, de onde pendia um camafeu adornado de pequenas pérolas e diamantes.

Franz - Esde gamvêo, estife na besgoço te meu mãe toto o fita têla. Eu quartei ela parra tel ta prressende parra o meu noifa, na tia ta meu gontreto ta gassamento. Esdá teu, Carlode.

Carlota - O... obrigado... Ele é... muito bonito...

Franz - Têcha eu poder ela no tua pesgoço tom ponidinhos! (Pausa) Prrodo. Firra uma boquinhas o gapesa, neu guerride. (Pausa) Assim. Acorra eu tá uma lasinho... e esdá brronto. (Pausa. TOM) Figuei ponides, ponides! (Pausa) Tis um feis prra a teu noifinho Franz: esdá gondende, is?

Carlota- (com esforço) Estou, sim... Estou máito contente...

Franz - Zi Carlodinho tereja odrra goisea, pôte tis.

Carlota - Desejo, sim. Eu quero... eu quero lhe fazer um pedido, desde já.

Franz - Pote falei, pensoca.

Carlota- Eu queria... queria que o senhor me deixasse prender as minhas tranças no dia do nosso casamento.

Franz - Brrentê os drransinho? Tom ponidinhos que éles ô!

Carlota- Mas eu... eu não quero mais usar tranças... quando me casar.

Franz - Esdá pem, esdá pem. Eu cósta téles assim. Eu me lemprra dos fraulein to Rafária, na Dyrrol. Mas pôte brranti éles, non fais mal.

Carlota- Obrigada. Muito obrigada. Agora sim estou mais contente.

NARRADOR - Às onze horas da noite o noivo se retirou, para voltar no dia seguinte, depois que fechasse a sua fianbreria. E a partir daquele dia, já do na Selma começou a tratar do enxoval da enteada, visto que o noivo manifestara desejos de casar-se dentro de três meses. E enquanto sua madrastra e a vizinha Leopoldina bordavam os seus lençóis e toalhas de chá com ponto de marca, pensando naturalmente na cerimônia do casamento e no futuro de Carlota, esta, entretanto, não podia pensar noutra coisa que não fôsse aquele momento em que se tornaria, afinal, uma mulher igual às outras. (Pausa e tom) Transcorreram, finalmente, os três meses de noivado e, dois dias antes do casamento, a vizinha Leopoldina foi levar os últimos bordados que se comprometera a fazer.

Vizinha - Pronto. A minha tarefa está cumprida. Aqui estão os bordados todos

prontos. Um lençol... duas fronhas... uma toalha de chá... meia dúzia de guardanapos e meia dúzia de toalhas de rosto.

Selma - Muito obrigada, dona Leopoldina. A senhora me emprestou um grande auxílio. Nem sei como lhe agradecer tanta coisa que a senhora fez.

Visinha - Óra essa, visinha, nem me agradeça. Afinal os amigos são para as ocasiões. E depois nem me custou nada fazer o que eu fiz. Era até uma distração para as horas vagas. Eu ligava o rádio, ficava escutando as novelas e bordando. Eu sou louca por novelas, a senhora sabe? Matava dois coelhos com uma cajadada só.

Selma - Pois é, mas si não fôsse a senhora, eu não poderia ter aprontado a Carlota no tempo que o seu Frans queria. Três meses para se aprontar um enxoval, mesmo modesto como o dela, é muito pouco tempo. A gente tem que correr um bocadinho.

Visinha - Principalmente para quem não pode pagar nada fora e tem que fazer tudo em casa nas horas vagas.

Selma - Claro. E as horas vagas em geral são poucas porque a gente faz todo o serviço da casa, não é mesmo?

Visinha - Lógico. (bisbilhoteira) Mas escute uma coisa dona Selma, disseram-me que o seu Frans tem dinheiro; é verdade?

Selma - Bem... alguma coisa ele tem, realmente. A fiambreria é dele: o negócio e o prédio. A casa que ele comprou para morarem é muito boasinha e está situada num ponto muito bom. Além disso... está muito bem mobiliada e com todo o conforto. Tem até geladeira, a senhora sabe?

Visinha - (deslumbrada) É mesmo?!... Mas que sorte ela teve!... E ouvi dizer também que ela vai ter empregada, mas acho que isso é história; não é?

Selma - História, nada. Vai ter empregada, sim.

Visinha - (auge do assombro). Não é possível!...

Selma - Como não, si a mulher já está até tratada? Tratou empregada para todo o serviço porque não quer que ela faça absolutamente nada.

Visinha - Que sorte que teve essa menina, hein dona Selma?

Selma - Puxa, si teve!...

Visinha - (natural e sincera) E feita do jeito que é!

Selma - Pois é para a senhora ver. (TOM) Eu por mim estou muito contente, a senhora sabe? Afligia-me o jeito dessa menina dentro de casa. Sempre parada... encolhida pelos cantos... A senhora acredita que ela chegava a passar um dia inteirinho sem que eu ouvisse ela dizer uma só palavra?

Visinha - Deus me livre! Eu acho que morria se me dessem um castigo desses.

(TOM) E ela está contente, visinha, a senhora acha?

Selma - Não sei... penso que tem que estar. Vai ser dona de uma casa com todo o conforto e vai ter empregada pra trabalhar pra ela... Que mais ela quer?

Visinha - Ela andou gostando de um outro rapaz; a senhora soube?

Selma - Não é possível!...

Visinha - É, sim. Na ocasião ela andou me contando, mas depois parece que o namoro foi mal sucedido e nunca mais ela me falou nele.

73

Selma - Era difícil alguma gostar de Carlota assim esquisita como ela é.
Visinha - Era muito difícil, sim. Ela deve dar graças a Deus de ter apreendido este. (TOM) Bem, dona Selma, eu vou andando que ainda tenho que tratar da minha janta. A senhora tem alguma coisa ligeirinha em que eu possa, ainda, lhe ajudar?

Selma - Não, visinha, obrigada. Falta-me terminar estes dois panos de cozinha e depois não tenho mais nada. Amanhã é só passar o vestido de noiva que eu ainda não passei porque ela ainda tem que chulear as costuras.

Visinha - Está bem, visinha, então até amanhã, si Deus quiser.

Selma - Até amanhã, dona Leopoldina e mais uma vez muito obrigada por tudo, hein?

Visinha - Óra, eu já lhe disse que não tem nada que me agradecer. Uma mão lava a outra. Quem sabe si amanhã a senhora também não vai me ajudar em qualquer uma necessidade que eu possa ter?

Selma - Ah claro, si eu puder nem se discute que lhe ajudarei.

Visinha - Pois então? (saindo) Bem, eu também ainda vou passar a ferro o meu vestido que é pra amanhã assistir o casamento.

NARRADOR - Finalmente, na véspera do casamento, Frans Reutter foi fazer a Carlota a sua última visita, como noivo. Depois de lhe ter falado sobre a féria daquele dia na fiabreria, sobre o fraque que mandara fazer para o casamento e sobre a viagem de lua de mel que fora excluída do programa por ter adoecido o seu empregado de confiança, Frans, aproximando-se mais de sua noiva, sempre tímida, passou-lhe as mãos carinhosamente sobre as tranças ralas e vermelhas, dizendo-lhe com enlevo:

Frans - Tom ponidinhas os arranzinhos teia!... Tom guerritinhas! Tom amorrosinhos! Tom encrassatinhas!... Estes arranzinhos vão que me prenti.

Narrador - E Carlota pensou, alto:

Carlota - Amanhã, finalmente... vou prendê-las.

Frans - Está fortateirramente um bona brrentê estes dois goissinha tom mimose, tom encrassatinhas! Dú nain gué te gassei gom éles assim zoldinhe?

NARRADOR - Ela sentiu um arrepijo percorrer-lhe o corpo e, enchendo-se de coragem, retrucou:

Carlota - (firme) Não, Frans. Lembra-se que foi a única coisa que lhe pedi quando do tratamos o nosso casamento.

Frans - Está pes, Gerlodinhe, está pes. O xende nain famo tiagudi por gausa tum boxarris dom beguano. O xende amara a puro gomo a tono gué.

Carlota - É só isso que eu desejo, Frans. Tudo o mais que você quiser... eu estarei de acordo em obedecê-lo.

Frans - Já vai. O fita fai sê um pelezá barra nós tóis, meu gorracozinhe. Nungu mais o xende fai se separrei, já? *

NARRADOR - Carlota esboçou um gesto de assentimento e ficou calada. Não tardou muito a que Frans Reutter se retirasse, alegando que naquela noite ele devia deitar-se mais cedo. Ela também se recolheu mais cedo para o quarto, mas, antes que tivesse dormido, seu pai foi procurá-la para dar-lhe alguns conselhos que talvez no dia do casamento ele não tivesse tempo de dá-los. Depois de lhe ter falado sobre tudo que lhe parecia ne

cessário...

- Pai - Você precisa descansar e eu vou deixá-la à vontade, mas antes desejava, ainda, perguntar-lhe uma coisa. (Pausa e tom) Você... você vai prender as suas tranças amanhã?
- Carlota - (depois de pausa, com voz sumida) Sim... papai...
- Pai - (depois de pausa, também) É pausa, mas... também não me assiste o direito de lhe pedir que as deixe soltas.
- Carlota - Eu... eu experimentei a grinalda com as tranças soltas e... e ficou horrível, papai.
- Pai - Sua madraستا já me disse o mesmo.
- Carlota - Já vê, papai, que... que não há exigência... nem teimosia da minha parte. Fica realmente muito mal...
- Pai - Eu sei, minha filha, eu sei. Não estou pensando nisso... (melancólico) É aquela história que eu já lhe contei das mãos de sua mãe, entende? (TOM) Bem, mas... como já lhe disse, eu não tenho o direito de exigir mais nada. De amanhã em diante você procederá de acordo com a sua vontade e a vontade do seu marido.
- NARRADOR - Carlota ficou calada. Não disse nada a seu pai que o desejo de Franz era também de que ela deixasse soltas as suas tranças. Se dissesse... talvez desaparecesse a única compensação que ela encontrava naquele casamento e então... nem valeria a pena casar-se. O Pai se acercou de Carlota, beijou-a em silêncio, afagou-lhe as tranças com a mesma tristeza de quem se despede para sempre de alguém a quem muito quer... e saiu vagarosamente. Carlota se deitou... apagou a luz... fechou os olhos para poder se concentrar melhor nos seus pensamentos... e disse baixinho, num misto de mágoa e de saudade:
- Carlota - Que bom se fôsse com ele! Como eu estaria feliz neste momento!...
- NARRADOR - Seus olhos se humedeceram de lágrimas, mas elas não chegaram a cair. A lembrança daqueles dentes brancos e parelhos, rindo-se dela com desdém, abertamente, espicagaram-lhe o amor próprio, estancando-lhe o pranto antes que ele tivesse chegado a fugir-lhe dos olhos. Agora... ela iria mostrar a ele que havia alguém que góstara das suas tranças, brancas e vermelhas como barba de milho. (Pausa e tom) No dia seguinte, duas horas antes do casamento, Carlota desmanchou suas tranças e prendeu seus cabelos. Dona Selma veio ajudá-la. Botou-lhe um pouco de rouge, de baton, de rímel e finalmente colocou-lhe a grinalda na cabeça. Quando o pai veio buscá-la... parou na porta do quarto surpreso! Quasi que não a reconheceu!
- Pai - (grande surpresa) Minha filha!... Como... como você está diferente. Completamente diferente! Nem parece a mesma. (TOM) Bem, mas vamos que estemos na hora.
- Carlota - Sim, papai, ... vamos...
- NARRADOR - Quinze minutos depois, entravam eles na igreja enfiada de curiosos, ao som da marcha nupcial.
- OPRIADOR - ENTRA COM MARCHA NUPCIAL EM FUNDO, ATÉ NOVA RUBRICA.

NARRADOR - Carlota olhou para aquela quantidade de gente e ensaiou os primeiros passos, trêmula e indecisa. Mal principiara a andar e uma voz de mulher chegou aos seus ouvidos:

Vozes fem. - Céosi... Como ela está bonita!... Nem parece a mesma creatura!...

NARRADOR - Carlota sentiu como se lhe houvessem sacudido os músculos e os nervos e uma estranha sensação de felicidade começou a subir-lhe pelas veias, penetrando-lhe o coração e fazendo-o pulsar mais céleremente. Até que enfim!... Agora, sim. Agora ela poderia dizer que experimentara, por fim, um instante de felicidade e que se considerava, afinal, uma mulher igual às outras. Cerrou por um instante os olhos, para melhor gozar aquela estranha sensação de felicidade que a inundava e pensou que "ele" talvez ali estivesse, com a outra, entre os curiosos, admirado, também, da transformação que nela se operara. Levantou a cabeça, sobranceira, entreabriu os lábios num sorriso desdenhoso de vitória, apertou com força o braço do pai que a conduzia... e começou a andar com passos seguros em direção ao altar iluminado. Frans Reutter esperava, sorridente, envergando o seu fraque novo com botões de lã rangeira na lapela. Quando ele desceu os degraus do altar para recebê-la, Carlota sentiu, nos seus olhos, o deslumbramento que lhe causava. Levou a mão aos cabelos, sfagando-os de leve... e sorriu para ele, agradecida!

OPERADOR - SOBRE A MARCHA NUPCIAL EM FUNDO E FUNDE COM A CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO.

DISTRIBUIÇÃO:

WILSON	NARRADOR.....	PRADO	Salvador Junior ou Dato.	ENIO
LOURDES	Visinha.....	NINA	Claudia Martins	CLAUDIA
ANELITA	Selma.....	LOURDES	Sonia Belmeri	TRICE
NELSON	Pai.....	NELSON	Roberto Lás	NELSON
NARA	Carlota.....	MARIZA	Zaira Acuan	RESAMARIA
BRODIT	Frans.....	BRODIT	Walter Broda	BRODIA
SONIA	Voz Feminina.....	DIVIA	Maria Perica	MARIA